

DO CARRO AO CACHÊ

São Paulo — Filho de Briquet Lemos, diretor da editora da UnB, Felipe morava na Colina quando começou a tocar bateria no Aborto Elétrico. Em dia de show ou de ensaio, descia três lances de escada com o equipamento. “Cabia tudo no carro”, lembra. Não era muito: uma bateria e um amplificador. “Depois ficou sofisticado, tínhamos dois amplificadores!”

Fê Lemos tinha 16 anos em 1978. Estudava na Cultura Inglesa, tinha voltado da Inglaterra e vivia falando dos Sex Pistols. Renato Russo também adorava a banda de Sid Vicious. No dia em que deu de cara com um punk loiro na Taberna (103/104 Sul), foi a primeira coisa que perguntou: “Você gosta dos Sex Pistols?”. “Yeah!”, respondeu André Pretorius. Foi a senha para eles formarem a banda. Renato no baixo, Pretorius na guitarra.

Com Fê na bateria, o Aborto Elétrico ainda ensaiava em 1979. Em 1980, ano em que o trio fez os primeiros shows no Só Cana, no Gilberto Salomão, e no Chaplin, na 110/111 Sul (depois a lanchonete virou Food's), Fê já tinha se mudado para o Lago Norte. Não precisava mais descer três andares de escada, com a bateria nas costas.

Em entrevista à revista Bizz, em 1989, Renato Russo disse que o Aborto acabou “virtualmente” quando André Pretorius foi servir o exército na África do Sul. “Passei do baixo para a guitarra — ensinei Flávio (irmão de Fê) a tocar baixo e ele entrou na banda. Foi aí que comecei a usar as letras, porque eu tinha vergonha de cantar.”

Fê, Flávio e Renato dividiam os palcos da cidade com a Blitz 64 (que virou Blitz), de Gutje, Loro e Gerusa — os seis já costumavam ir para a Colina à noite, ouvir música e falar da vida, dos pais e das namoradas. Cada banda tinha um amplificador. “Uma banda era a platéia da outra. Às vezes rolava uma jam”, ri Fê.

64 foi formada em 1979, seis meses depois do Aborto. “A gente tocava debaixo do bloco do Fê, ou então na casa dele, na Colina, até o Seu Briquet não querer mais”, lembra Gerusa. “Quando Fê mudou para o Lago Norte, a gente continuou tocando embaixo do bloco, ou então na casa do Gutje”.

LÍDER E GURU

Dado Villa-Lobos e Dinho Ouro Preto assistiram a um desses shows na lanchonete da 110/111 Sul. “Todos os instrumentos e a voz ligados ao mesmo amplificador produziam uma distorção que não parava sequer entre as músicas”, diverte-se o vocalista do Capital Inicial, no pri-

Mila Petrillo 11.03.86



Na casa do baterista Gutje Woorthman (C), da Plebe Rude, ensaiava a banda Blitz 64 - que deu origem a outros grupos da cidade, como Capital Inicial, Escola de Escândalo e a própria Plebe

OS POINTS DA TURMA



Chaplin/Food's (110/111 Sul) — Pelo palco armado ao lado da lanchonete, passaram as maiores bandas da época: Aborto Elétrico, Blitz 64, Plebe Rude (foto). No começo era Chaplin, depois virou Food's. Programa de sábado à tarde. Todo mundo ia.

ABO (615 Sul) — Em 1983, uma série de shows foi realizada ali, inclusive o primeiro do Capital Inicial. Uma semana antes da apresentação, Fê Lemos sofreu um acidente de moto. Foi substituído por Boka, um baterista de jazz.

Só Cana (Gilberto Salomão, Lago Sul) — O Aborto Elétrico se apresentou lá em 1980. Era um bar pequeno que só vendia pinga. “Quando terminamos o set de cinco músicas, o pessoal reagiu com: ‘Ehhhh! De novo’! Brasileiro gosta muito de zona”, disse Renato Russo à revista Bizz, em 1989.

Adôga (102/103 Sul) — Era um dos locais mais frequentados pela turma. No começo, era uma meia dúzia. No final, por volta de 1983, 1984, ficava lotado de casacos do Exército, alfinetes e calças rasgadas. “Era um mar de gente”, lembra Fê.



Cafofo (407 Norte) — Bar onde o Aborto Elétrico começou a tocar. “Era o bar da gente”, diz Fê Lemos. Mais de 15 anos depois, Renato Russo ainda agradecia Rênio Quintas, dono do Cafofo, pela ajuda.

CAN (609/610 Norte) — No Colégio da Asa Norte, a turma organizava shows com bilheteria. Cachê mesmo, não havia. “Era coisa de outro mundo”, segundo Fê.

Colina (UnB) — Apartamentos destinados aos professores e funcionários da UnB. Fê e Flávio Lemos, baterista e baixista do Capital Inicial (foto), moravam ali com os pais. André Mueller, baixista da Plebe Rude, também. Era lá, embaixo dos blocos, que a turma se encontrava no final dos anos 70. Renato Russo às vezes ia a pé da Colina para casa, na 303 Sul.

meiro capítulo de seu livro. “A banda, seu equipamento e seu público cabiam todos numa kombi. E apesar de pouquíssimos (três), causavam uma comoção e tanto.”

Dinho ficou impressionado com Renato Russo desde a primeira vez que o viu. “Como ele parecia cosmopolita... E como era culto. Conhecia música, cinema, literatura. Era o mais velho da turma, uma espécie de guru, e estimulava essa hierarquia na turma. Era retraído, às vezes não aparecia. Foi assim até o final. Tenho a impressão de que esse período serviu como treinamento para a Legião Urbana.”

Marcelo Bonfá, baterista da Legião Urbana, também virou fã no primeiro encontro: “Ouví o Aborto Elétrico e fiquei arrepiado. Era uma coisa muito forte, uma energia inexplicável. Comecei a tocar bateria por causa disso.”

Renato era o primeiro da turma. Fê, o segundo no comando. Depois do Aborto Elétrico (o nome era uma referência aos cassetes elétricos; por causa deles uma menina grávida perdeu a criança) e da Blitz (o nome mudou depois que pichações da Blitz 64 foram fotografadas pela polícia), viria uma série de bandas.

Antes de formar a Plebe Rude, o baixista André Mueller (André X) montou as bandas Os Metralhas e SLU. Bonfá tocou nos Metralhas, e

também no Dado e o Reino Animal, com Dado Villa-Lobos. Mas o Aborto era a banda principal. Já tocava músicas que mais tarde ficariam conhecidas com a Legião Urbana: *Que País É Este*, *Geração Coca-Cola* e *Têdio* (com um T bem grande pra você).

Quando o Aborto Elétrico terminou, depois de uma briga com Fê, em 1982, Renato virou o Trovador Solitário. Fez *Faroeste Caboclo*, *Eduardo e Mônica*, e continuou tocando sozinho. “Ele ia muito ao Food's, com o violão”, lembra Paulo Marchetti.

Sem o Aborto, André Mueller, Jander Bilaphra, Gutje Woorthman e Philippe Seabra assumiam a liderança nos palcos. “A Plebe Rude era a melhor banda da época, em 1982 era ela quem mandava”, afirma Fê Lemos. “Era a minha favorita”, disse Renato em entrevista ao *Correio*, em 1996.

O Trovador Solitário perambulou pela cidade com seu violão apenas por alguns meses. Logo Renato estaria montando a Legião Urbana com Marcelo Bonfá, no final de 1982. Kadu Lambach, o Paraná, foi o guitarrista da primeira formação. Dizem que era muito “músico” para o que eles queriam — Lambach é guitarrista de jazz. Um mês depois da saída dele, entrava Dado Villa-Lobos, ex-líder do Dado e o Reino Animal.

Em 1983, eram quatro as grandes bandas da cidade: Capital Inicial,

Plebe Rude, Legião Urbana e XXX (a primeira banda de ska da cidade, formada por Gerusa e Bernardo Mueller, ambos futuros integrantes do Escola de Escândalo). Com dois ex-integrantes do Aborto, Fê e Flávio, e um da Blitz, Loro Jones, o Capital chegou a ter uma cantora, He-loisa. Não deu muito certo e Dinho entrou em seguida.

O PRIMEIRO SHOW

Eles começaram com um show na ABO (615 Sul) e, ainda em 1983, já estavam tocando no Rio e em São Paulo. “Praticamente todo final de semana a gente estava fora de Brasília”, conta Fê, que trancou a matrícula na faculdade de Psicologia, na UnB, para se dedicar à banda. Flávio Lemos trocou a Física pelo baixo.

No Rio, o Capital recebeu seu primeiro cachê por um show no Circo Voador. “Eram 10 mil cruzeiros, algo como R\$ 100 hoje”, lembra o baterista. “Nem acreditava. Fiquei embaixado com meu primeiro cachê. Seis anos depois de começar a tocar, recebi alguma grana. Cachê era coisa de outro mundo.”

Em 1985, com o sucesso do primeiro disco, a Legião Urbana se mudou para o Rio de Janeiro. A Plebe Rude também. O Capital Inicial saiu de Brasília para São Paulo. Em Brasília a turma continuava a cres-

cer. Finis Africae, Detrito Federal, Elite Sofisticada e Escola de Escândalo eram as bandas do momento.

Vinte anos depois, todos os personagens dessa história falam dela como o melhor período de suas vidas. “A gente não tinha vínculo com nada”, lembra Gerusa. Alguns dos personagens ficaram famosos e hoje estão entre os maiores nomes do rock nacional. Mesmo os que não “viraram artistas” — como Pedro Ribeiro, hoje produtor técnico dos Paralamas — sentem orgulho de ter participado da turma da Colina.

“Éramos inocentes”, diz Pedro. “Andávamos em grupo, éramos amigos, tínhamos nossas namoradas. Havia pouco sexo, não saímos para f... como os moleques fazem hoje, ou como faziam em outras cidades naquela época. Quando a gente chegou no Rio, cidade de praia, de sexualidade ‘mais intensa’, foi um baque.”

Fê Lemos também ri da ingenuidade daqueles tempos, quando eles se divertiam assustando guardinhas da UnB, invadindo festas de boy — com uma fita punk na mão —, nas quebradas em volta da fogueira e acampando em Itaquira. “Nunca pensei que fôssemos chegar onde chegamos. Renato sabia, tinha visto tudo antes. Ele sempre soube. Dizia para mim: ‘Pois é, quem vai comprar a primeira ilha sou eu’”. Estava certo.” (Teresa Albuquerque)

QUE FIM LEVOU?

■ **Gutje Woorthman**
Baterista da Blitz 64 e da Plebe Rude. Mora no Rio, tem uma agência de publicidade

■ **Jander Bilaphra, “Ameba”**
Vocalista e guitarrista da Plebe Rude. Mora em Mendes (RJ), tem um estúdio e trabalha com Gabriel O Pensador. Foi roadie de Fernanda Abreu

■ **André Mueller (André X)**
Baixista da Plebe Rude. Morou quatro anos na Inglaterra, era quem “abastecia” a turma com novidades. Formado em Arquitetura, foi sócio de Dado Villa-Lobos na Rock It!. Voltou para Brasília em 1994, é analista do Banco Central

■ **Bernardo Mueller**
Ex-vocalista de Escola de Escândalo, irmão de André. Mora em Brasília, é professor de Economia da UnB

■ **Philippe Seabra**
Vocalista e guitarrista da Plebe. Mora em Nova York há quatro anos. Montou uma banda, a Daybreak Gentlemen

■ **André Pretorius**
Sul-africano, guitarrista do Aborto Elétrico, filho de diplomata. Saiu de Brasília para servir o Exército na África do Sul. Morreu há mais de dez anos.

■ **Fejão**
Guitarrista do Escola de Escândalo, o mais elogiado da cidade. Tocou no Dungeon. Morreu no Hospital de Base, em Brasília, há dois anos, de meningite

■ **Geraldo Ribeiro, Gerusa**
Baixista da Blitz 64 e da Escola de Escândalo, morava na 408 Norte, em frente à UnB. Atualmene, trabalha como engenheiro de som em um hospital da cidade.

■ **Loro Jones**
Guitarrista do Blitz 64 e do Capital Inicial, irmão de Gerusa. Mora em Brasília, está gravando o novo disco do Capital em Nashville (EUA)

■ **Eduardo Raggi, Balé**
Baterista da Escola de Escândalo. Mora em Nova York, onde se formou em publicidade. Toca com Philippe Seabra

■ **Pedro Ribeiro**
Irmão de Bi Ribeiro, foi baixista do Diamante Cor-de-Rosa. Mora no Rio, é produtor técnico dos Paralamas. Cuida dos shows da banda. É dele a capa do disco Nove Luas.

■ **Helena Resende**
Ex-mulher de Gutje, uma das primeiras meninas da turma. É citada no terceiro capítulo do livro de Dinho Ouro Preto: “casal explosivo; ela com cabelos vermelhos e casaco de oncinha, ele com cabelo descolorido, calça de couro e camiseta rasgada”. Mora em Brasília, é dona do Deguste Café Restaurante

■ **Cris Brenner**
Foi vocalista da Blitz 64, em 1980. Andava de bicicleta pela 104 Sul quando conheceu Dinho, Dado e Pedro. Era das que mais sabiam de música na época. Mora em Brasília, é médica

■ **Marta Brenner**
Irmã de Cris, ex-mulher de André Mueller. Mora em Brasília, é advogada

■ **Helena Lemos**
Irmã de Flávio e Fê Lemos, do Capital Inicial. Namorava Dinho no início da turma. Foi para Los Angeles (EUA), estudar cinema. Mora lá.

■ **Marcelo Radikaos**
Dono do Radikaos, bar na 105 Norte. Estudou nos Estados Unidos, hoje mora em São Paulo

■ **Paulo César Cascão**
Baterista do Detrito Federal, depois vocalista. É advogado, supervisor da Discoteca 2001, e DJ nas horas vagas

■ **Rênio Quintas**
Dono do Cafofo, na 407 Norte, onde o Aborto Elétrico levava “suas tralhas” e tocava, bem no início da turma. É tecladista e produtor da cantora Célia Porto